

Rupturas traumáticas e tessituras mnêmicas em um *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende

Lara Maria Arrigoni Manesco

Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada

DTLLC-USP

E-mail: lara.manesco@usp.br

O romance *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende nos convoca a refletir sobre a construção da memória em diversos planos. A História da ditadura civil-militar se entrelaça à história da protagonista Maria – militante que se infiltrara no pequeno vilarejo de Olho d’água como educadora popular – revelando o esgarçamento do sonho revolucionário que ela ali desejara semear. Maria é uma professora aposentada que retorna ao sertão de sua mocidade para dar uma palestra para os trabalhadores rurais. A viagem desperta na personagem as memórias que ela vai desfiando e reconstruindo à medida que se aproxima de seu destino. Nesse movimento entretido do rememorar somos apresentados às questões sociais que envolviam sua primeira ida ao sertão, ao contexto da ditadura civil-militar e às questões materiais e simbólicas que envolvem o fio e o contar histórias no vilarejo de Olho d’água. A tessitura comparece não apenas no plano metafórico do fazer mnêmico, como também na atividade econômica principal do povoado: a confecção de redes. Toda a cadeia produtiva desde o tingimento até a urdida do produto perpassa o romance, que convida a refletir não só sobre o trabalho e sua alienação, mas também sobre as relações das atividades de tecelagem com a palavra e a contação de histórias. Enquanto Maria aprende o ofício com os moradores da região, ela torna-se uma narradora, dividindo as histórias de suas viagens com a comunidade. Esse intercâmbio de fios e palavras remete às reflexões de Benjamin (2014) sobre o trabalho artesanal e a narração. Analisamos em nosso trabalho, a figura de Maria em paralelo com as figuras míticas de Penélope e Ariadne, que manipulam os fios a fim de promover uma transformação da realidade que as circundam, assim como o faz a professora no seu movimento de resistência ao regime ditatorial por meio da trama e da palavra. Porém, a linha que a guia é rompida pela violência do regime: Antônio um companheiro que lutava nas Ligas Camponesas é assassinado e Maria precisa fugir às pressas de Olho d’Água A ruptura é abrupta, revelando o esgarçamento de suas palavras libertárias, que poderiam alterar o destino do pequeno povoado. A morte traumática de Antônio, cujo olhar a protagonista sempre buscava, marca o fim das utopias e simbolicamente, ao deixar as prendas dadas por ele para trás, Maria deixa que as lembranças sejam sepultadas junto a ele na terra batida do sertão. Ainda que restem fiapos de sonho, a possibilidade concreta de intervir na trama social é interrompida, e só por meio da revisitação pode ser compreendida. O relato entrecortado e hesitante de Maria revela a reconstrução inquieta de uma memória marcada pela violência e que flerta com a dicção do trauma. O desaparecimento e morte dos companheiros deixam marcas na vivência da narradora, que mesmo não tendo vivenciado no corpo tais violências, vive a fratura do sonho que a irmana às demais vítimas.